



A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA CRÍTICA NO ESTUDO REGIONAL

Diego Armando de Sousa Paz¹
Jose Alencar Viana de Araújo²

Resumo: O termo região vem sendo estudado ao longo de décadas por diversas correntes teóricas do pensamento geográfico, onde, se é um conceito bastante complexo. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo estudar e discutir os conteúdos de determinadas concepções de região no olhar marxista, de modo a situar o pesquisador dentro do debate atual sobre o tema. Nesse sentido, com relação à metodologia empregada neste trabalho, foi utilizado o uso das abordagens qualitativas, assim, apresentando os principais teóricos que contribuíram para que as mesmas se firmassem como vertentes fundamentais no estudo da região. Dessa forma, do ponto de vista do materialismo histórico-dialético traduz princípios metodológicos que viabiliza entender o conceito de região através de uma visão mais pura da realidade. Portanto, observou-se que a região é formada através da articulação entre diferentes modos de produção, no qual, a partir desse entendimento o estudo de região é mais aprimorado através da visão crítica e radical.

Palavra-chave: Região. Correntes teóricas. Marxista.

Abstract: The term region has been studied for decades by various theoretical currents of geographic thought, where it is a rather complex concept. Thus, the present work aims to study and discuss the contents of certain regional conceptions in the Marxist view, in order to situate the researcher within the current debate on the theme. In this sense, with respect to the methodology used in this work, the use of qualitative approaches was used, thus, presenting the main theorists that contributed to their being established as fundamental aspects in the study of the region. Thus, from the point of view of historical-dialectical materialism, it translates methodological principles that make it possible to understand the concept of region through a purer vision of reality. Therefore, it was observed that the region is formed through the articulation between different modes of production, in which, from this understanding, the study of the region is further improved through a critical and radical vision.

Keywords: Region. Theoretical currents. Marxist.

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar a categoria região, vale ressaltar que o seu conceito não definido por apenas um autor ou corrente teórica, visto que vem ganhando várias formulações ao longo do tempo devido o surgimento de diversas correntes geográficas que de alguma maneira se apropriam do termo região. Dessa forma, Gomes (1995, p. 50) afirma que a ciência “deve procurar nos

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em geografia da universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Uemasul, e-mail: d.armando147@gmail.com

² Mestre em Desenvolvimento Urbano Universidade Federal de Pernambuco – UFP, e-mail: geo.j.alencar@gmail.com





diferentes usos correntes do conceito de região suas diferentes operacionalidades, ou seja, os diferentes recortes que são criados e suas respectivas instrumentalidades.”.

Gomes (1995, p. 49-50) ainda ressalta que o termo região tem sua origem etimológica do latim *regere*, que significa governar. Já o termo *regione* era utilizado no Império Romano para designar áreas que, mesmo dispondo de uma administração local, estavam subordinadas às regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma. Nesse sentido, de acordo com Talaska (2011, p. 204) “O aparecimento da noção de região teve origem quando a necessidade de articulação entre o poder centralizado e sua extensão sobre uma área de grande diversidade social, cultural e espacial, exigiu a segmentação do espaço”. Gomes (1995, p. 52) ainda afirma que o conceito de região:

tem implicações fundadoras no campo da discussão política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial; [...] possui um inequívoco componente espacial [sendo] a geografia [um] campo privilegiado destas discussões ao abrigar a região como um dos seus conceitos-chave e ao tomar para si a tarefa de produzir uma reflexão sistemática sobre este tema.

Paralelamente, segundo Talaski (2011, p. 205) a noção de região vem sendo utilizada no senso comum como forma de referenciar e descrever lugares, permitindo a comparação de uns com os outros. Dessa maneira, enquanto categoria, a região é de uso corrente e está disseminada tanto na linguagem comum quanto na científica. Consequentemente, Talaski (2011) ainda afirma que “ela foi incorporada ao nosso cotidiano, e é também entendida como o resultado de uma divisão regional, no qual é reconhecida na perspectiva de unidade administrativa”. Já Corrêa (1990, p. 22) nos explana:

Queremos dizer que há diferentes conceituações de região. Cada uma delas tem um significado próprio e se insere dentro de uma das correntes do pensamento geográfico. Isto quer dizer que, quando falamos em região, implicitamente, mas de preferência de modo explícito, estamos nos remetendo a uma das correntes já identificadas anteriormente.

Dessa forma, o estudo da região está vinculado às deferentes correntes geográficas que surgiram no decorrer da história. Corrêa (1990, p. 23) ressalta que o conceito de região está inserido no de região natural, com o determinismo de Ratzel; no de região geográfica, com Vidal de La Blache e posteriormente, já no século XX, com estudo de região na concepção neopositivista e por fim, na concepção do marxista com sua metodologia do materialismo





histórico e dialético. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo abordar os aspectos da visão crítica no âmbito regional, assim como sua colaboração para a regionalização.

Por fim, além desta introdução e das considerações finais, este trabalho estrutura-se também nas seguintes seções teóricas: a primeira, “As concepções de região a partir da visão crítica”, na qual apresenta teóricos e seus respectivos conceitos sobre região. A segunda, “A influência da geografia crítica no contexto regional e a lei do desenvolvimento desigual e combinado”.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Com relação a metodologia empregada na construção desse trabalho, foi feita uma pesquisa de abordagem qualitativa. Utilizou-se como base para isso, uma metodologia da qual se deu a partir de pesquisas bibliográficas exploratórias, utilizando como recursos a consulta em livros e artigos científicos, além de pesquisas na internet. Assim, o trabalho foi dividido em dois momentos distintos: a) o primeiro de estudo teórico, no qual, foi realizado durante todo o processo da pesquisa, realizando-se estudos dos referenciais teóricos e das metodologias a serem aplicadas, b) no segundo foi abordado com profundidade o tema propriamente dito.

3 AS CONCEPÇÕES DE REGIÃO A PARTIR DA VISÃO CRÍTICA

Segundo Corrêa (1990, p. 40) “dentro do questionamento à geografia tradicional e à nova geografia, aparece durante a década de 70 uma geografia crítica, que traz consigo a necessidade de se repensar o conceito de região”. Assim, a geografia crítica tem como um de seus métodos analisar a região a partir de uma ótica não apenas objetiva, mas, também, subjetiva.

Duarte (1980, p. 05) acresce que, “as transformações ocorridas no método de investigação e nos objetivos da geografia, após segunda Guerra Mundial, afetaram diretamente os conceitos de região e de regionalização, ocasionando mudanças metodológica na abordagem regional”. Nesse contexto, o materialismo histórico passa a ser utilizado por diversos pesquisadores como metodologia no estudo da região.

Nesse sentido, o estudo da região segundo Duarte (1980, p. 08) passa a ter uma conotação ideológica que antes era utilizada pelas classes dominantes para o exercício do poder,





assim, estando subordinado ao Imperialismo. De acordo com Duarte (1980, p. 10 *apud* SANTOS) atualmente a categoria região é colocada novamente sob críticas e passa a ser discutida de forma desvinculada da lógica formal e da linha empirista. Logo, a região é um espaço organizado e administrado por uma determinada sociedade.

De acordo com Breitbach (1988, p. 64 *apud* ROFMAN, 1974, p. 40) a região não pode ser estudada de forma isolada e ainda afirma:

Em seu Capítulo 2, onde busca redefinir a região, Rofman critica uma série de acepções correntes.¹ Um dos equívocos apontados consiste em tomar uma única dimensão de análise, supondo que o funcionamento do sistema social possa ser meramente fracionário e considerado apenas um elemento para identificar a região. Para Rofman, trata-se de um erro metodológico definir o âmbito regional por meio de uma variável ou parâmetro isolado. Disso também resulta um empobrecimento conceitual, na medida em que a região fica concebida sem seus componentes essenciais: as diferenciações internas referentes a classes sociais, poder político e econômico, formas de exploração da terra, etc. Um outro aspecto crítico diz respeito ao caráter a-histórico que Rofman aponta nas acepções referidas, ou seja: "(...) as diferentes versões sobre o significado do entorno regional podem ser aplicadas não somente a qualquer contexto sócio-econômico, mas também a qualquer etapa de seu desenvolvimento histórico".

Nesse sentido, Rofman passa a destacar os aspectos que devem ser contemplados no estudo de uma região, como as suas características do nível de desenvolvimento relativo das forças produtivas, a análise das relações de produção e das formas técnicas e organizativas da atividade em cada setor econômico, os níveis de concentração econômica e formas de distribuição da renda como processos diretamente ligados ao sistema econômico-social prevalente e as análises comparadas da estrutura econômico-social regional com a de outras regiões assim como do próprio país (BREITBACH, 1988, p. 64 – 65).

Consequentemente, a concepção de Rofman está atrelada a noção de articulação entre o modo de produção dominante e o conjunto de modos dominados.

Partimos da hipótese central de que, sendo a unidade territorial nacional reconhecida como uma formação social dada, as distintas subunidades participam das características gerais atribuíveis a todo o sistema. Esta participação não é, entretanto, nem homogênea nem deixa de oferecer aspectos muito particularizados. Para efeitos de definir e por fim distinguir uma subunidade qualquer de outra, a única alternativa é reconhecer modalidades diferenciadas da formação social global a nível das subáreas do território nacional. Quer dizer, a região é visualizada como uma formação social própria, onde as estruturas econômicas, sociais e políticas dos modos de produção que nela coexistem se comportam em correspondência com as mesmas instâncias em escala nacional (ROFMAN, 1974, p.43).





Para Lipietz (1979) o conceito de região está sobe foco na articulação dos modos de produção, o autor ainda afirma:

dimensão espacial da forma de existência material que rege a relação considerada. Consiste numa correspondência entre 'presença/distanciamento' (no espaço) e participação/exclusão' (na estrutura ou na relação considerada), ou seja, a distribuição dos 'lugares' no espaço e a distribuição dos 'lugares' na relação. Por exemplo, a 'separação do produtor direto de seus meios de produção' tem uma dimensão espacial evidente, materializada, de um lado, pelos cercamentos e, de outro, pela parede das fábricas. Outro exemplo: a 'relação trabalhador-patrão na fábrica' tem uma dimensão espacial que rege a coreografia do trabalho (...)" (LIPIETZ, 1979, p. 26).

Nesse sentido, os estudos da região passam por uma visão mais subjetiva, que consiste em estudar a região influenciada pelo capitalismo, assim, percebendo um desenvolvimento espacial desigual. Dessa forma, essa corrente crítica, conhecida como geografia radical, afirmava que a diferenciação do espaço se deve à divisão territorial do trabalho e ao processo de acumulação capitalista (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000).

4 AS INFLUENCIAS DA GEOGRAFIA CRÍTICA NO CONTEXTO REGIONAL E A LEI DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO

Corrêa (1990, p. 40) afirma que “o que segue é uma tentativa de inserir o conceito de região dentro de um quadro teórico amplo, que permita dar conta da diversidade da superfície da Terra sob a ação humana ao longo do tempo”. Assim, esse quadro no qual Corrêa afirma está pautado na lei do desenvolvimento desigual e combinado, onde essa lei é expressa pelo método da dialética e da interpretação dos contrários (CORRÊA, 1990, p. 40).

"(...) analisar a articulação dialética entre os modos de produção dentro de uma formação social historicamente dada e a organização do espaço que aqueles (os modos de produção) vão determinando, admitindo que esta determinação não é mecânica" (SORMANI, 1977, p.01).

Dessa maneira, Sormoni (1977, p. 01) afirma que o estudo regional a partir do modo capitalista está em "(...) compreender, entre outras coisas, as consequências espaciais do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo que geram os chamados desequilíbrios territoriais.





"(...) impõe certos traços que diferenciam umas regiões das outras, tanto pelas condições especiais presentes em sua gênese e na desigualdade de seu desenvolvimento, como pelas modalidades que nelas assume a atividade produtiva caracterizada pelas relações sociais imperantes e pelo nível alcançado pelas forças produtivas" (SORMANI, 1977, p. 13).

Para Sormani (1977), é importante o conceito de divisão social do trabalho, porque a partir dele vem o de divisão territorial do trabalho, nos seguintes termos dessa forma, ele afirma que:

"Se a divisão do trabalho dentro da sociedade tende a designar papéis precisos a diversos indivíduos ou grupos dentro do processo produtivo, o mesmo ocorre no plano territorial com as diversas áreas e regiões e, do mesmo modo, a produção material vai se diferenciando espacialmente. Assim, a divisão territorial do trabalho constitui uma forma específica, um momento da divisão do trabalho dentro da sociedade humana em seu conjunto, acarretando não só uma especialização do processo produtivo, mas também uma contradição de interesses e um antagonismo entre os diversos grupos e classes sociais e entre as diferentes áreas e regiões" (SORMANI, 1977, p. 5-6).

Nesse sentido, a lei do desenvolvimento desigual e combinado vem demonstrar o processo de diferenciação regional que acontece entre países nas relações tanto políticas como econômicas entre si. Dessa forma, Corrêa (1990, p. 45) ressalta que "no processo de regionalização que diferencia não só países entre si como, em cada um deles, suas partes componentes, originando regiões desigualmente desenvolvidas, mas articuladas".

A região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas. Estes dois aspectos vão traduzir-se tanto em uma paisagem como em uma problemática, ambas específicas de cada região [...] (CORRÊA, 1990, p.45).

Assim, Lipietz (1979, p. 110) afirma que uma economia capitalista mundial em fase de integração, em que o desenvolvimento desigual das regiões permite ao capital imperialista redefinir a distribuição do capital e o processo de trabalho internacional, apreendendo essas próprias diferenças como funcionais para a divisão do trabalho dentro de um processo único de valorização do capital, processo que por outra parte reproduz as desigualdades de desenvolvimento entre regiões autocentradas e extrovertidas.





CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a categoria região é conceitualmente muito complexo, tendo na visão crítica um olhar mais subjetivo e qualitativo das relações nas diferentes regiões do mundo. Dessa forma, do ponto de vista do materialismo histórico-dialético, traduz princípios metodológicos que viabiliza entender o conceito de região através de uma visão mais pura da realidade. Portanto, observou-se que a região é formada através da articulação entre diferentes modos de produção, no qual, a partir desse entendimento o estudo de região é mais aprimorado através da visão crítica e radical.



REFERÊNCIAS

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, n.13, 1988.

CORREÂ, R. L. **Região e organização espacial**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DUARTE, A. C. Regionalização: considerações metodológicas. **Boletim de geografia teórica**: Rio Claro, 10 (20), 1980.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, p. 49-75.

LIPIETZ, A. **El capital y su espado**. México: Siglo Veinteuno, 1979.

ROFMAN, A. **Desigualdades regionales y concentración econômica: ei caso argentino**. Buenos Aires, SIAP/Planteos, 1974.

SORMANI, H. **Formación social y formación espacial: hacia una dialética de los asentamientos humanos**. 6. ed. São José da Costa Rica: Estudos Sociales Centro Americanos, 1977.

TALASKA, A. Região e regionalização: revisão conceitual e análise do processo de reconfiguração fundiária e de alteração do uso da terra na região do corede norte/rs12. **Caminhos de Geografia**: Uberlândia, v. 12, n. 37, mar/2011 p. 201 – 215.

